

Atena
Editora

Ano 2020

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 2

MARCOS AURÉLIO ALVES E SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 2

MARCOS AURÉLIO ALVES E SILVA
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Formação de professores: perspectivas teóricas e práticas na ação docente

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Marcos Aurélio Alves e Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F723	<p>Formação de professores [recurso eletrônico] : perspectivas teóricas e práticas na ação docente 2 / Organizador Marcos Aurélio Alves e Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-223-4 DOI 10.22533/at.ed.234202707</p> <p>1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Silva, Marcos Aurélio Alves e.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente” é uma obra composta por vários trabalhos com traços relevantes no que concerne a discussão da temática da formação de professores. Apresenta relatos que propiciam uma leitura convidativa que tange abordagens teóricas e práticas da formação inicial a formação continuada dos docentes.

Neste sentido, o livro tem como objetivo central em apresentar de forma clara, os estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. No segundo volume é contido escritos que abordam questões da profissionalização docente em seu âmbito de atuação com ênfase, em especial, as temáticas da tecnologia, inclusão, gestão, avaliação e política educacional. Ainda neste volume, é possível encontrar relatos que apontam para os cursos de formação de professores, a partir das práticas que nestes estão inclusas.

O terceiro volume é marcado de modo particular, por debates que enfatizam o professor nas várias modalidades de ensino e o construto de sua identidade enquanto profissional. Também é possível apreciar os trabalhos realizados na atuação do professor em sala de aula, diante dos recursos e metodologias que contribuem na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres, doutores e todos aqueles que de alguma forma se interessam pela temática da formação de professores. Possuir um material que discuta as questões relacionadas a essa temática é muito relevante, pois adentra nos aspectos da profissionalização de uma categoria marcada de características ao longo do tempo.

Deste modo o e-book “Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente 2 e 3” apresentam uma teoria bem fundamentada nos resultados obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui são apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores expor e divulgar seus resultados.

Marcos Aurélio Alves e Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA DÉCADA DE 80	
Francisca Risolene Fernandes Jocilania Souza da Silva Sandra Dias Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2342027071	
CAPÍTULO 2	9
A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES	
Rita Maria Sousa Franco Dania Rafaela Ferreira Carvalho José Carlos de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.2342027072	
CAPÍTULO 3	22
A [IN]VISIBILIDADE DA BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Frankson Santiago Reis Patrícia do Socorro Chaves de Araújo Tadeu João Ribeiro Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.2342027073	
CAPÍTULO 4	34
A UTILIZAÇÃO DO DIÁRIO ÍNTIMO NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I – DESCRIÇÕES DE UM PROCEDIMENTO À LUZ DA ISD	
Elaine Cristina Ferreira de Oliveira Fabiana Ap. da Silva Andrade Vinícius Cineli Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2342027074	
CAPÍTULO 5	54
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA COMO PROTAGONISTAS EM PROJETOS LITERÁRIOS	
Maria Solene Santiago Sara Emanuelle Santiago da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2342027075	
CAPÍTULO 6	59
AS TECNOLOGIAS NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS	
Maria Selta Pereira Maria Vanessa Correia Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.2342027076	
CAPÍTULO 7	64
AVALIAÇÃO COMO UMA RELAÇÃO DE PODER	
Cleonaldo Pereira Cidade Diana Oliveira Santos Bomfim Charlene Ferreira dos Santos Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2342027077	

CAPÍTULO 8	74
BASE NACIONAL COMUM: A IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICA EDUCACIONAL PARA O ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE BARUERI – GRANDE SÃO PAULO. EM CONTEMPLAÇÃO A BASE NACIONAL CURRICULAR	
Rosângela da Silva Camargo Paglia	
DOI 10.22533/at.ed.2342027078	
CAPÍTULO 9	86
CLICANDO A CIDADE: ENSINO INTERDISCIPLINAR DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO POR MEIO DE FOTOGRAFIAS E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	
Marluce Bruna Ferreira da Silva	
Iury de Almeida Accordi	
Andréia Ambrósio-Accordi	
DOI 10.22533/at.ed.2342027079	
CAPÍTULO 10	98
DOCENTES NÃO DOENTES: PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DE QUEM EDUCA	
Michelli Pires Goes	
Iury de Almeida Accordi	
Andréia Ambrósio-Accordi	
Sandra Pottmeier	
DOI 10.22533/at.ed.23420270710	
CAPÍTULO 11	109
EDUCAR GENÉTICA: INSTRUMENTOS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E O ENSINO DAS LEIS DE MENDEL	
Vitória Beatriz Rocha Gomes	
Nayara Gonçalves de Sousa	
Larisse dos Santos Fernandes	
Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda	
Francisco de Assis Diniz Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.23420270711	
CAPÍTULO 12	121
FACES DA EXCLUSÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: COM A PALAVRA, OS CUIDADORES	
Katyanna de Brito Anselmo	
DOI 10.22533/at.ed.23420270712	
CAPÍTULO 13	130
FORMAÇÃO ‘IN LOCO’: DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Fernanda Pereira da Silva Andrade	
Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria	
DOI 10.22533/at.ed.23420270713	
CAPÍTULO 14	137
FORMAÇÃO CONTINUADA EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: DESVELANDO OS VIESES TEÓRICOS QUE CONDUZIRAM TAL PROCESSO FORMATIVO	
Luan Henrique Alves	
Jacks Richard de Paulo	
DOI 10.22533/at.ed.23420270714	

CAPÍTULO 15	150
FORMAÇÃO DOCENTE, PERSPECTIVAS LEGAIS E INCLUSÃO ESCOLAR: UMA BREVE REVISÃO TEÓRICA	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro Thamires Gomes da Silva Amaral Lessa Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.23420270715	
CAPÍTULO 16	163
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA SOCIEDADE DIGITAL: UMA OFICINA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA DE MÍDIAS EDUCACIONAIS	
Amadeu Albino Júnior Maria da Glória Fernandes do Nascimento Albino Margareth Santoro Baptista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23420270716	
CAPÍTULO 17	175
FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO IFPA: DESEMPENHO ACADÊMICO NO CURSO DE PEDAGOGIA	
Ana Maria Leite Lobato Rita de Cassia Malato Ribeiro Araújo Natasha Mendonça Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.23420270717	
CAPÍTULO 18	184
GESTÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Elizabeth de Fátima da Silva Mattas	
DOI 10.22533/at.ed.23420270718	
CAPÍTULO 19	199
INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE UM KIT DIDÁTICO PARA O ESTUDO DA TEORIA DA DISSOCIAÇÃO ELETROLÍTICA DE ARRHENIUS	
Evellyn Delgado Pereira de Araújo Maria das Graças Negreiros de Medeiros Vanúbia Pontes dos Santos Adiel Henrique de Oliveira Pontes João Batista Moura de Resende Filho Janaína Aguiar Peixoto	
DOI 10.22533/at.ed.23420270719	
CAPÍTULO 20	213
MATEMÁTICA EM FOCO NO CONTEXTO DO EXERCÍCIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM DA LUDICIDADE	
Igor de Souza Pereira Rodiney Marcelo Braga dos Santos Rosangela Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23420270720	
CAPÍTULO 21	227
OS CURSOS DE LICENCIATURA DO MARANHÃO E OS INDICADORES DE QUALIDADE DO CPC	
Ana Lúcia Cunha Duarte Ana Beatriz Frazão da Silva Vitória da Silva Souza Rafael Mendonça Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.23420270721	

CAPÍTULO 22 237

PLANOS, SEQUÊNCIAS E ABSTRAÇÕES: A CINEMATOGRAFIA E A EDUCAÇÃO

Luís Gustavo da Conceição Galego

Fernando Lourenço Pereira

DOI 10.22533/at.ed.23420270722

CAPÍTULO 23 252

RELATO DA EXPERIÊNCIA COM O MOVIMENTO DE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA

Jacks Richard de Paulo

Stela Maris Mendes Siqueira Araújo

Wellington Rodrigo Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.23420270723

SOBRE O ORGANIZADOR..... 263

ÍNDICE REMISSIVO 264

PLANOS, SEQUÊNCIAS E ABSTRAÇÕES: A CINEMATOGRAFIA E A EDUCAÇÃO

Data de aceite: 01/07/2020

Data de Submissão: 29/05/2020

Luís Gustavo da Conceição Galego

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
(UFTM)

Uberaba – MG

<http://lattes.cnpq.br/9101105344317706>

Fernando Lourenço Pereira

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
(UFTM)

Uberaba – MG

<http://lattes.cnpq.br/6033128904113999>

RESUMO: As mídias de massa e o cinema atuam como disseminadores da cultura e formadores de opinião. Produções audiovisuais devem considerar aspectos relevantes da cinematografia, tais como roteiro, enquadramento, planos, bem como os movimentos de câmera e a dimensão semiológica de suas imagens. Além disso, diferentes níveis de percepção são gerados quando o sujeito assiste um filme e potencialmente oferecem múltiplas aprendizagens em ambientes escolares. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi propor produções audiovisuais realizadas por discentes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), tendo em vista aprendizagens em Biologia Evolutiva e Imunologia e, assim sugerir um conjunto de atividades que empreguem o cinema em processos de ensino-aprendizagem, que articulem diferentes saberes nas quais o cinema seria o meio tanto de exposição e reflexão sobre percepções e aprendizagens, quanto de produção de recursos audiovisuais que permitam a concretização delas.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema e Educação; Produção audiovisual; Ensino-aprendizagem.

PLANS, SEQUENCES AND ABSTRACTIONS: CINEMATOGRAPHY AND EDUCATION

ABSTRACT: Mass media and cinema act as disseminators of culture and opinion makers. Audiovisual productions must consider relevant aspects of cinematography, such as script, framing, plans, as well as camera movements and the semiological dimension of their images. In addition, different levels of perception are generated when the subject watches a film and potentially offer multiple learning in school environments. In this sense, the objective of this work was to propose audiovisual productions made by students of Biological Sciences (Licenciatura) from Universidade Federal do

Triângulo Mineiro (UFTM), with a view to learning in Evolutionary Biology and Immunology and, thus, suggesting a set of activities that employ cinema in teaching-learning, that articulate different knowledge in which cinema would be the means of both exposition and reflection on perceptions and learning, as well as the production of audiovisual resources that allow their realization.

KEYWORDS: Cinema and Education; Audiovisual productions; Teaching-learning.

1 | AS MÍDIAS E O CINEMA

O desenvolvimento das mídias de massa (cinema, televisão e vídeo, sobretudo) criou uma necessidade pela imagem nas populações humanas em suas diversas manifestações culturais, além de serem importantes veículos para a disseminação do conhecimento e da informação (CARVALHO, 2003; MARTIN, 2003). O ambiente escolar agrega esses dois aspectos das mídias de massa, sendo o cinema um das mais utilizadas na prática docente em sala de aula.

Alguns fatores são favorecedores da utilização do cinema no contexto escolar (ABUD, 2003). A enorme atração que a produção fílmica exerce, o fácil acesso às produções cinematográficas e as políticas públicas de investimento em recursos de natureza audiovisual são alguns dos aspectos que beneficiam a relação cinema-escola.

O interesse do cinema em sala de aula não é recente. Relatos de pensadores da educação da década de 20 e 30 (BARROS, 1997) já apresentavam o uso da *fotografia em movimento* como recurso importante para o enriquecimento do ensino, principalmente relacionado à instrução e a reprodução da informação (BARROS, 1997). Desse período também emergem os primeiros trabalhos que relacionam Cinema e Educação (SERRANO; VENÂNCIO FILHO, 1931; SERRANO, 1931) que apresentavam diversos benefícios em se utilizar filmes como importante ferramenta no desenvolvimento de estratégias de ensino.

Carvalho (2003) afirma que a linguagem cinematográfica pode ser utilizada em processos pedagógicos além da visão tradicional do cinema como simples material ilustrativo e instrucional. Uma das maneiras de se aproveitar das múltiplas possibilidades do cinema enquanto recurso didático é lançar mão de técnicas cinematográficas para o ensino de um ou mais conteúdos.

2 | A CINEMATOGRAFIA: PLANOS E SEQUÊNCIAS

As técnicas de cinematografia tem sua origem na fotografia, porém, conforme apontado por Aumont (1995), no cinema existe a impressão de movimento e esta característica deve ser considerada quando pretende-se desenvolver um trabalho pedagógico no qual a captura de imagens em movimento seja utilizada.

A composição de uma imagem fotográfica depende da compreensão das técnicas de

utilização de equipamentos e percepção de planos, além do conhecimento dos elementos formadores do texto visual e suas relações dentro de um enquadramento (LEANDRO, 2011). A utilização de linhas que guiam o olhar de quem vislumbra uma imagem e o cuidado de se distribuir os elementos de um enquadramento de forma a produzir um efeito harmonioso (ou não) denotam uma intencionalidade daquele que registra as imagens (AUMONT, 1995).

2.1 Planos imagéticos e semiologia

Os conceitos de fotografia aplicados à cinematografia incluem o enquadramento, os planos e os ângulos (CRUZ, 2007). O enquadramento consiste no espaço delimitado pelo visor da câmera e onde os planos são produzidos. Os planos, por sua vez, são caracterizados pelas cenas captadas em cada fotograma. Eles variam do mais amplo (geral) ao mais específico (detalhe), conforme apresentado na **Figura 1** e são utilizados para gerar diferentes sentidos, da mesma forma que as angulações de câmera (média, alta, baixa).

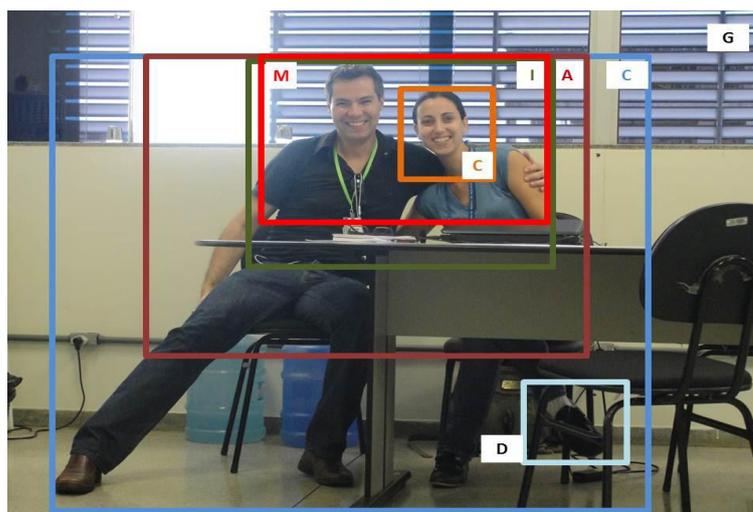


Figura 1. Planos fotográficos em um enquadramento. G: Geral; C: Conjunto; A: Americano; I: Italiano; M: Médio; C: Close-up; D: Fonte: Galego *et al.* (2014).

Os diferentes planos em um enquadramento podem gerar diferentes sentidos, conforme a composição imagética e cenográfica que é destacada. Assim, planos com maior abrangência, como o **geral**, permitem a caracterização de importantes elementos da narrativa, tais como situar as condições espaço-temporais que permeiam uma narrativa. Planos que evidenciam os corpos, tais como os **conjuntos** e **americanos**, permitem uma melhor caracterização dos personagens que participam da narrativa, bem como das interações que ocorrem entre eles. Planos **italianos** e **médios**, por outro lado, denotam uma certa seriedade advinda do objeto filmado, além de permitirem uma maior percepção das expressões faciais. Os **close-ups** atingem um alto grau de captura de expressões e,

quando combinados com planos **detalhes** de partes do rosto, geram sentidos que vão da repulsa a empatia. Os planos **detalhes** podem ainda permitir a produção de sensações de suspense, angústia ou felicidade, conforme o aspecto enfatizado e o contexto da sequência.

2.2 Algo de exclusivo do cinema: sequências e movimentos de câmera

O conceito de sequência, em cinematografia, consiste em uma série de **cenas** ou **planos** que constituem uma unidade narrativa (CRUZ, 2007). Por **cena** entende-se o local onde a narrativa se processa e é composta por um ou mais **planos**, enquanto os **planos** são sucessões de ações captadas pela câmera sem interrupção (AUMONT, 1995; CRUZ, 2007).

Os movimentos de câmera também são técnicas exclusivas do cinema. Eles podem ser constituídos pela visualização **panorâmica** de um espaço, pela percepção de uma sequência de imagens captadas ao longo de uma linha **horizontal**, podem ainda ser construídos com movimentos de cima para baixo ou vice-versa (**vertical**) e/ou por movimentos de aproximação ou afastamento rápidos (**zoom**). Na **figura 2** estão ilustrados esses movimentos.

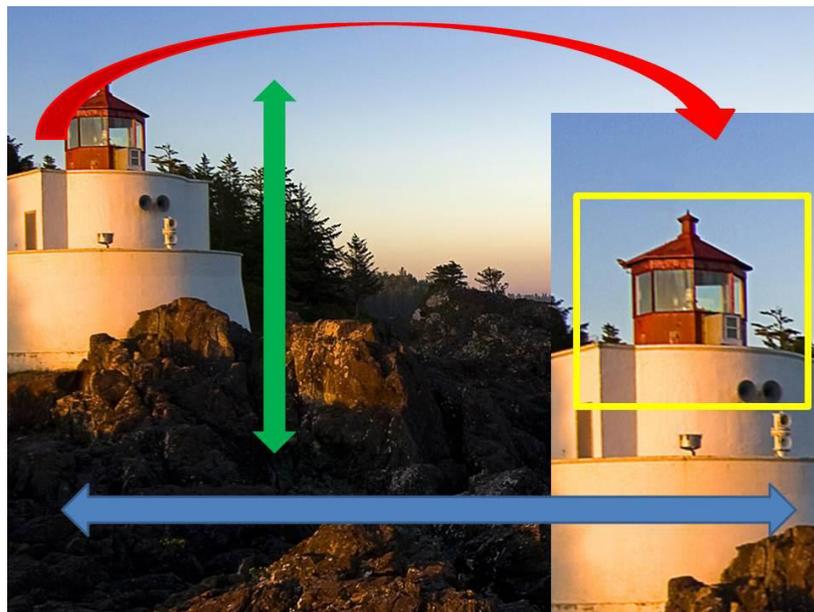


Figura 2. Movimentos de câmera. Seta **vermelha**: Panorâmico; Seta **verde**: Vertical; Seta **azul**: horizontal; quadro **amarelo**: zoom.

3 | UMA BREVE HISTÓRIA DO CINEMA

Em 1885, na França, surge a ideia do cinema a partir das iniciativas dos irmãos Lumière, considerados os pais do cinema no mundo. Naquela época, as filmagens eram realizadas pelo cinematógrafo, um protótipo da câmera de filmagem na atualidade. A

Figura 3 mostra o uso do cinematógrafo posicionado para captar imagens de crianças brincando. O funcionamento dessa máquina baseava-se na capacidade de uma película fílmica se movimentar em velocidade constante (NAPOLITANO, 2011). Em “A chegada de um trem à estação”, um dos primeiros filmes produzidos no mundo, os irmãos Lumière mostram a dinâmica do fluxo de pessoas numa estação de trem, e registra de certa forma a sociedade e a cultura francesa do século XIX. Era a primeira vez que as pessoas tinham a possibilidade de ver imagens reais em movimento, projetadas sobre uma tela grande (SCHNEIDER, 2008). As primeiras filmagens eram curtas e baseavam-se em temas cotidianos do século XIX e não havia o uso de diversos planos, ângulos e movimentos como conhecemos na atualidade, nem som ou captação de imagens multicoloridas (BERGAN, 2009).



Figura 3: Gravura de August Lumière utilizando o cinematógrafo para a filmagem de crianças brincando. As primeiras filmagens retratavam cenas cotidianas da sociedade do século XIX. Fonte: <http://cineepipoca.blogspot.com.br/2010/11/os-irmaos-lumiere.html>.

Outro francês, Georges Méliès, pode ser considerado o fundador do cinema como espetáculo, lançando as bases da expressão artística do cinema. Em 1902, Méliès produziu seu filme mais famoso: Viagem à Lua. Os ingleses James Williamson e George Smith, e os franceses Charles Pathé (criador da primeira indústria para produção de longas-metragens) e Louis Galmont, também podem ser considerados pioneiros do cinema por consolidarem a vocação do cinema como arte e entretenimento (NAPOLITANO, 2011).

Dos seus primeiros anos até a Primeira Guerra Mundial, os gêneros mais comuns do cinema mudo eram as comédias e os teatros filmados. Se o primeiro procurava expressar o movimento rápido (ainda que a câmera não se movimentasse tanto quanto os personagens), o segundo tentava levar para as salas de cinema a mesma perspectiva visual da sala de teatro, limitando-se a registrar, com a câmera fixa, a boca de cena onde as situações dramáticas se sucediam (BERGAN, 2009). O cinema se tornou uma das formas culturais mais significativas da sociedade brasileira do início do século

XX, sobretudo no segundo terço (1930-1970). Ele logo se transformou numa instância formativa poderosa, criando novas práticas e ritos urbanos. O cinema se tornou um amplo empreendimento industrial, que envolve revistas, moda, produtos de beleza e discos, e infundem estilos de vida. Além disso, o cinema promove a construção das linguagens audiovisuais, oportunizando o aprofundamento da leitura crítica das obras audiovisuais e os recursos teóricos e práticos para a melhor compreensão do papel da educação no mundo contemporâneo (TURNER, 1997; SCHNEIDER, 2008; NAPOLITANO, 2011).

O desenvolvimento das mídias de massa (cinema, televisão e vídeo, sobretudo) criou uma necessidade pela imagem nas populações humanas em suas diversas manifestações culturais, além de serem importantes veículos para a disseminação do conhecimento e da informação (TURNER, 1997). O ambiente escolar agrega esses dois aspectos das mídias de massa, sendo o cinema um das mais utilizadas na prática docente em sala de aula.

A discussão de filmes comerciais da indústria cultural cinematográfica, por exemplo, despertam e mobilizam sentimentos morais, podendo ser usados como casos a serem discutidos. As atividades pedagógicas envolvendo a utilização de filmes devem considerar a articulação entre o cinema e a educação, que se dá pela formação para a sensibilidade e pelo desenvolvimento das capacidades cognitivas de alunos e educadores (NAPOLITANO, 2011).

4 | O CINEMA E SUAS REPRESENTAÇÕES

O cinema proporciona, em muitos casos, uma reflexão sobre a experiência humana e, ao abordar as variações de gênero em diferentes épocas e contextos culturais reflete as possibilidades histórico-sociais (RAMIRES, 2008). Em algumas situações, os filmes recriam estereótipos recorrentes no imaginário coletivo, em outros, porém, são apresentados elementos que confrontam o *status quo* (RAMIRES, 2008). Essa dupla representação, apesar de antagônica, reflete de certa maneira as relações humanas que se processam no cotidiano e vão de encontro à afirmação de Turner (1997, p. 30) de que “o objetivo do cinema certamente é reproduzir a realidade com a maior precisão possível”.

Turner (1997) afirma que compreender um filme significa entendê-lo como sistema de comunicação cuja geração de significados depende de uma cultura. A cultura, em uma perspectiva semiótica, tem seus significados reproduzidos por meio da linguagem. A análise de um filme, nesse contexto, depende das análises de categorias semânticas que apresentam diferentes dimensões sensoriais, sendo, dessa forma, passível de um estudo semiótico sincrético no qual pelo menos as dimensões verbal (diálogos, textos, etc.), plástica (planos, enquadramento, movimentos de câmera, cenários, figurinos, etc.) e auditiva (música, efeitos sonoros, etc.) são passíveis de análise (PIETROFORTE, 2007).

A metodologia de análise semiótica é bastante adequada para se compreender as representações utilizadas no cinema visto que permite o estudo de diferentes linguagens

(TURNER, 1997). A metodologia semiótica é fundamentada na compreensão do significado social como um produto das relações construídas entre os signos, os quais são compostos, simultaneamente, por significante (a forma “física” que pode ser uma imagem, uma cena, ou uma palavra) e por significado (conceito mental ao qual a estrutura física se refere), conforme apresentado por Turner (1997). Dessa forma, decompondo-se os significantes dos filmes e a forma que eles estão organizados permite acessar os significados latentes e, assim, entender o signo que ambos representam.

O cinema é um elemento cultural de representação das práticas sociais e oferece ao público um conjunto de experiências, prazeres e práticas distintas que nenhuma outra mídia é capaz de reproduzir (TURNER, 1997), exceto a internet. Além disso, é uma importante ferramenta para o ensino em ambientes formais. Dessa forma, os conceitos cinematográficos podem e devem ser utilizados em qualquer processo de ensino, bem como a compreensão mais profunda, por meio de análise semiótica de cenas, do que a escolha de determinada técnica ao se filmar.

Uma metodologia de trabalho que utilize recursos audiovisuais pode ser atraente e produzir bons resultados com adolescentes. Abud (2003) propõe que a utilização do cinema em sala de aula deveria ser para além de substituto do livro didático e como recurso ilustrativo, mas sim como um recurso com características próprias e em um trabalho pedagógico no qual o conteúdo imagético seria explorado de forma crítica e reflexiva.

O uso de meios de comunicação, dentre eles o cinema, está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2000). Nesse documento, há a proposta de que os alunos devem ser educados para criticar, analisar e interpretar informações veiculadas por fontes diversas e seus diferentes contextos de produção.

Ferrés (1996) recomenda que as produções existentes em audiovisual sejam utilizadas tanto como objeto ou matéria de estudo quanto recurso de ensino, de forma que os alunos sejam educados a se aproximarem de forma crítica dos produtos disponíveis oriundos da indústria cultural. Essa recomendação é compartilhada por Siqueira e Cerigatto (2012) que afirmam, ainda, que diversas pesquisas “*mostram que a apropriação crítica do discurso midiático em atividades educacionais não é prática que se concretizou*”.

5 | O CINEMA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO

Os filmes devem ser trabalhados em consonância com os temas a abordar e não incluídos apenas como forma de entretenimento puro e sem compromisso. A relação entre o cinema e um conteúdo específico de uma área do conhecimento permite ao estudante refletir sobre a realidade apresentada, revendo os conceitos construídos ao longo da sua história individual e coletiva. O cinema transforma opiniões em grandes debates fazendo o público refletir sobre suas reações diante dos conflitos existenciais.

Por exemplo, na educação bioética, é importante para os futuros cidadãos a sensibilização quanto à importância da solidariedade, do acolhimento, do reconhecimento da alteridade e da compaixão na construção das relações com o outro, aspectos essenciais nas relações humanas. Com a utilização de filmes como recurso didático, essa sensibilização torna-se facilitada e interessante devido ao princípio de organização de filmes ser dramático e estético, dependendo da beleza dos planos e nas guinadas da narrativa e do suspense. Os filmes acabam por refletirem o olhar de uma sociedade ou um grupo de uma determinada época, como no sentido de serem agentes históricos, enquanto elemento formador do imaginário social.

As atividades pedagógicas envolvendo a utilização de filmes devem considerar a articulação entre o cinema e a educação, que se dá pela formação para a sensibilidade e pelo desenvolvimento das capacidades cognitivas de alunos e educadores. Os filmes devem ser trabalhados em consonância com os temas a serem abordados e não incluídos apenas como forma de entretenimento puro e sem compromisso. A relação entre o cinema e um estudo para discussão de temas específicos permite ao estudante refletir sobre a realidade apresentada, revendo os conceitos construídos ao longo da sua história individual e coletiva. O cinema transforma opiniões em grandes debates fazendo o público refletir sobre suas reações diante dos conflitos existenciais.

Moran (1995) propõe a utilização de vídeos em sala de aula em diferentes perspectivas: para despertar o interesse em um determinado assunto (**sensibilização**), para representar conceitos discutidos em aula (**ilustração**), para simular conceitos (**simulação**), para veicular conteúdos conceituais de ensino (**conteúdo de ensino**) e como produto de um processo de ensino-aprendizagem (**produção**).

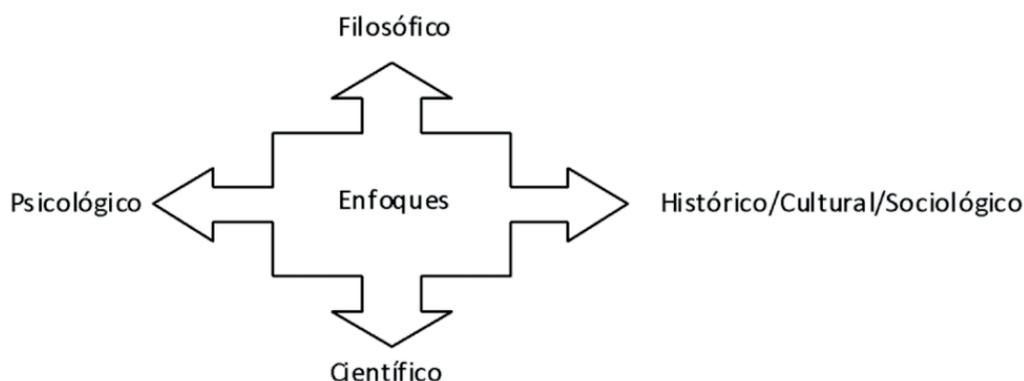
A utilização de vídeos como sensibilização, ilustração, simulação e conteúdo de ensino é relatada por Pereira, Galego e Freitas (2012) acerca de discussões bioéticas no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro têm apontado que o uso de filmes da indústria cinematográfica na sala de aula envolve os seguintes aspectos:

- (a) conhecimentos básicos e complementares em relação ao tema, daí a importância de consultas bibliográficas sobre o assunto na atualidade;
- (b) capacidade do filme em propiciar a sensibilização e reflexão sobre determinado assunto;
- (c) Tempo para execução da atividade, sendo oportuna muitas vezes a edição do filme escolhido ou a passagem do filme em horário extra-curricular;
- (d) característica do público alvo (jovens, adultos jovens, professores etc);
- (e) deixar claro para o público alvo que não se trata de uma atividade recreativa, sem propósito; (e) De preferência, durante o debate do filme deve fazer uma ponte com o cotidiano dos envolvidos na atividade;

(f) a utilização do filme já deve estar inculcada a forma de avaliação da atividade.

No debate de filmes O SABER OUVIR/SABER FALAR é importante para o estabelecimento da comunicação, participação e reflexão sobre os elementos presentes na cinematografia e dos conteúdos específicos da área do conhecimento. Os envolvidos na atividade têm idéias preconcebidas que devem ser valorizadas, refletidas, ressignificadas com o momento do encontro com o tema.

É importante perceber os enfoques possíveis apresentados nos filmes e recorrer à literatura específica para a abordagem dos temas requeridos na prática docente. A seguir são apresentados alguns enfoques que podem estar predominantes ou mesclados em cada filme.



Outra possibilidade do uso do cinema em sala de aula é a produção audiovisual (MORAN, 1997). A linguagem cinematográfica pode ser utilizada em processos pedagógicos além da visão tradicional do cinema como simples material ilustrativo e instrucional. Uma das maneiras de se aproveitar das múltiplas possibilidades do cinema enquanto recurso didático é lançar mão de técnicas cinematográficas para o ensino de um ou mais conteúdos (GALEGO *et al.*, 2012, 2014; PEREIRA *et al.*, 2012, 2014).

Algumas técnicas pedagógicas básicas precisam ser dominadas quando o foco é o uso das diferentes formas de linguagem, dentre elas a cinematográfica. Buckingham (2003) identifica pelo menos seis delas, das quais a simulação-produção que prioriza a *escrita em mídia* (SIQUEIRA; CERIGATTO, 2012) é uma das menos utilizadas em contextos escolares, a despeito de seu potencial didático.

Siqueira e Cerigatto (2012), em sua pesquisa com alunos do ensino médio em um trabalho envolvendo *trailers* de filmes disponíveis no Youtube e um conjunto de atividades relacionadas ao letramento para as mídias desenvolveram, dentre outras atividades, técnicas de simulação-produção e concluíram que os alunos sentem-se motivados ao trabalharem com a produção cinematográfica e apresentam facilidade com as questões técnicas da produção, mas dificuldade em atividades que exigem mais criatividade, tais como criar um final inesperado ou um diálogo entre protagonistas.

6 | A PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA SALA DE AULA

A produção audiovisual requer uma intencionalidade aliada aos objetivos de ensino, ou seja, o professor interessado em aplicar as técnicas cinematográficas no ensino terá que deixar bem claro aos seus alunos que toda a cena que compõe produzida deve ser planejada, construída, tendo como elemento norteador o conhecimento de planos, movimentos e angulações da filmagem aliadas aos conteúdos de ensino previamente selecionados pelo professor.

Na nossa experiência pedagógica, um passo inicial para que se implante a cinematografia como processo de ensino em diversas disciplinas do conhecimento humano seria o contato com a fotografia e o conhecimento de conceitos de planos, movimentos de câmera e angulações na filmagem. Esses conhecimentos são primordiais e importantes para toda e qualquer proposta que venha como consequência a produção de vídeos educativos.

Neste trabalho, nós exploramos os principais conceitos presentes na cinematografia para nortear a prática docente. É importante que após a apreensão dos principais conceitos cinematográficos, o professor construa uma oficina de técnicas cinematográficas para seus alunos. A este respeito, abaixo são pontuadas algumas sugestões para facilitar a produção audiovisual em sala de aula.

6.1 Proponha uma oficina de técnicas cinematográficas para seus alunos

Inicialmente, é importante que os alunos percebam que a produção cinematográfica depende muito dos tipos de planos (geral, detalhe, close etc) que comporão uma determinada cena a ser filmada. Sugerimos que o professor peça a seus alunos que tragam fotos da família com o intuito de explorar e perceber quais os principais planos presentes nas fotos. Paralelamente, o professor pode levar exemplos de diferentes planos observados em filmes da indústria cultural e relacionar os mesmos com a intencionalidade da cena. Por exemplo, uma cena que apresenta um close nos olhos de uma adolescente que chora tem a intencionalidade de mostrar ao público que assiste a expressão de um sentimento aliado à alguma circunstância expressa no filme. Outro exemplo interessante, seria a observação de cenas que aparecem o plano médio, muito comum no telejornalismo. O Jornalista é enquadrado de tal forma que permite a comunicação e a credibilidade profissional frente aos assuntos noticiados do dia.

Com esse raciocínio, é possível inferir que cada plano escolhido numa cena há uma intencionalidade. Se por exemplo, num filme é mostrado de maneira geral as características de um tribunal de julgamento, a intencionalidade está, por exemplo, em mostrar que no filme o palco de ação de um drama será justamente num local próprio para o desenrolar da história.

Identificar o plano e sua intenção é um exercício interessante ao assistirmos um

filme e documentário. O professor ao começar identificar os planos dispostos na linguagem audiovisual terá uma dimensão interessante, o qual poderá ser exercitada junto aos alunos. Leve por exemplo, algum trecho de filme com linguagem juvenil e faça um exercício com os alunos no sentido de identificar os diferentes tipos de planos que compõem a cena e a respectiva intencionalidade. Esse exercício é muito interessante e chama a atenção dos jovens. Ou ainda, peça aos alunos levarem para a sala de aula, câmera fotográfica ou celular para tirar diferentes fotos seguindo a normativa de diferentes planos possíveis. Exponha isso em sala de aula por meio de projeção e discuta o que os alunos produziram. Faça por exemplo: “ Você terão que produzir uma pequena histórica tirando cinco fotos em diferentes planos estudados em sala de aula”. Essa pequena história deve ser apresentada em sala de aula de forma que a turma visualize a mensagem da história e a intenção de cada foto componente da história. É um exercício interessante, que chama muita a atenção dos alunos após eles já terem aprendido sobre as possibilidades de planos de filmagem.

Em relação aos movimentos de câmera, trabalhe os conceitos de movimento vertical, horizontal, zoom e movimento panorâmico utilizando câmera fotográfica ou celular, ou ainda, cenas de filmes que mostrem claramente esses movimentos. Explore as potencialidades dos alunos na observação de trechos de vídeos os quais você pode selecionar e pedir que eles observem em casa nos seus programas preferidos da TV.

Essas sugestões podem tornar a oficina bem dinâmica, antes que sejam introduzidas as noções de argumento e roteiro para a produção audiovisual. A partir daí, haverá uma facilidade em elaborar os vídeos relacionados ao ensino do professor. Além disso, deve-se salientar que a produção de um vídeo na escola não requer grandes gastos: com uma boa máquina fotográfica ou um celular que filme é possível produzir um bom vídeo.

A produção de um vídeo é precedida pela proposição de um argumento, o tema gerador, e de um roteiro textual no qual as marcações de diálogos, planos, movimentos de câmera e outros detalhamentos devam ser explicitadas de forma tal que qualquer integrante do grupo consiga reproduzir as condições de captura de imagem e posterior edição (FIELD, 2001). Ressalta-se que esse é o momento de se desenvolver competências e habilidades relacionadas à leitura e escrita, fundamentais para o desenvolvimento de qualquer conteúdo de ensino.

6.2 Produzindo o vídeo

Para a produção audiovisual com perspectiva de ensino de determinado conteúdo de interesse curricular, é importante o professor fornecer textos bases dos conteúdos. Por exemplo, em Bioética, um dos assuntos pertinentes é o uso da clonagem com fins terapêuticos. É importante que os alunos tenham uma base teórica sobre o que é clonagem, como ela pode ser aplicada nas Ciências da Saúde, e ainda, quais são as questões éticas envolvidas na clonagem. Nesse caso, o professor deve instigar consultas

bibliográficas pertinentes para que os alunos tenham subsídio para produzir um vídeo relacionado a essa temática bioética. A partir desse suporte teórico, o passo seguinte é fazer com que o grupo desempenhe tarefas específicas, pontuadas a seguir: (a) eleição da idéia ou tema; (b) estruturação do tema e coleta de dados; (c) elaboração do argumento e roteiro; (d) *storyboard* (formatação visual do roteiro); (e) Construção dos personagens; (f) Produção dos cenários e objetos; (g) captação de Imagens e (h) edição, efeitos especiais e finalização.

O **Quadro 1** apresenta alguns vídeos produzidos por licenciandos em Ciências Biológicas, os quais passaram pelas etapas supracitadas para objetivos de aprendizagens distintos e de acordo com as disciplinas ou projetos os quais foram produzidos. Essas produções estão disponíveis no *YouTube*.

6.3 Exibindo o vídeo na escola

Uma maneira de valorizar o trabalho docente e discente é exibir a produção de alguma forma na escola. Pode-se organizar, por exemplo, um “festival de curta-metragem” na escola, que possibilitará a exibição e discussão dos temas percorridos no texto. Outra maneira bem interessante, seria a disponibilização do vídeo educativo, que pode ser exibido via um blog vinculado à escola e disposto no site do You Tube.

Com isso, toda e qualquer produção é valorizada e fará parte do cenário educativo propiciado no momento do ensino. O professor de repente, após a exibição do vídeo, pode perguntar aos alunos como foi produzir um vídeo, qual a contribuição de cada integrante para valorizar a experiência e estimular no futuro novas produções.

<i>Título do vídeo</i>	<i>Tema/ disciplina/ projeto</i>	<i>Objetivos de aprendizagem</i>	<i>Link no Youtube</i>
Asma- Aspectos gerais e imunologia	Alergia/ disciplina de “Noções de Imunologia”.	Expressar de maneira criativa e colaborativa os conhecimentos imunológicos aplicados ao cotidiano.	https://www.youtube.com/watch?v=xhaUZ8C-Unw
Na Trilha da Alergia	Alergia/ Projeto de extensão.	Criar e divulgar conhecimentos sobre alergia para público infanto-juvenil	https://www.youtube.com/watch?v=XfKSCk7fssk&t=66s
A tatuagem e o sistema imune	Tatuagem e sistema imune/ disciplina de “Noções de Imunologia”.	Expressar de maneira criativa e colaborativa os conhecimentos imunológicos aplicados ao cotidiano.	https://www.youtube.com/watch?v=QvitV7NC-fw

A homossexualidade e a Bíblia	Sexualidade e Religião/ disciplina de “Princípios Evolutivos”.	Discutir a questão da sexualidade frente à religião, considerando o contexto evolutivo do processo.	https://www.youtube.com/watch?v=1mLcXz7apI4
Como cães e gatos	Coevolução humanos e cães e gatos/ disciplina de “Evolução”.	Contextualizar o processo de domesticação de cães e gatos à luz da evolução biológica.	https://www.youtube.com/watch?v=qUd9sqTYQ8c
Alienígenas, onde estão?	Conceito de Vida/ disciplina de “Evolução”.	Refletir sobre a organização da vida em contextos diversos, para além daqueles terrestres.	https://www.youtube.com/watch?v=rcogCMXNCGc

Quadro 1: Produções audiovisuais de licenciandos em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Experiências prévias com oficinas de produção cinematográficas realizadas na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, junto a programas institucionais como o Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes (GALEGO *et al.*, 2014) e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Matemática (PEREIRA *et al.*, 2014) foram significativa porque favorecem o trabalho em equipe, a criatividade e a facilidade de domínio em utilizar as técnicas cinematográficas em prol de temas ligados ao cotidiano dos alunos, seus dramas, aspirações e sentimentos. A partir dessa potencialidade, o incentivo ao uso das técnicas cinematográficas na produção de vídeos educativos tem sido uma realidade em disciplinas do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Nas licenciaturas da UFTM, especialmente no Curso de Ciências Biológicas (PEREIRA; GALEGO; FREITAS, 2012), as principais vantagens do uso de técnicas cinematográficas na produção audiovisual tem se tornado uma realidade interessante pautada nas seguintes observações:

- a. A curiosidade e o empenho dos alunos em adequar o conhecimento científico ao público de estudantes de ensino básico;
- b. O interesse dos alunos em exercer a criatividade a partir do conhecimento de planos, movimentos de câmera e ângulos para captação de imagens;
- c. A valorização de potencialidades existentes em cada componente do grupo de produção audiovisual, uma vez que alguns têm habilidade para escrever o roteiro, outros para cuidar do figurino, da construção e apresentação de personagens e edição final do vídeo.
- d. A viabilidade de uma boa produção audiovisual com materiais acessíveis como a

câmera fotográfica ou mesmo celulares com recurso de filmagem;

- e. A possibilidade de produzir *stop motion* a partir do conhecimento das técnicas cinematográficas;

Essas experiências têm sido estendidas também para a rede pública de ensino por meio de cursos de técnicas cinematográfica e educação propiciada pela Rede Nacional de Formação Continuada de Professores (RENAFOR) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Nesse capítulo são dispostos sistematicamente a importância do uso de técnicas cinematográficas em prol de um processo de ensino-aprendizagem interessante e significativo.

Programas de formação continuada com ações direcionadas aos professores constituem uma ação necessária para que as questões sobre sexualidade sejam adequadamente discutidas no espaço da escola, bem como o respeito pelas diferenças. Nesse sentido, uma forma de se desenvolver a ação continuada é se utilizar a cinematografia como agente produtor de estratégias de ensino que possam desencadear discussões e reflexões sobre as experiências que são vivenciadas.

REFERÊNCIAS

AUBUD, K. M. A construção de uma didática da história: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**. São Paulo, v. 22, n.1, p. 183-193, 2003.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1995.

BERGAN, Ronald. **Cinema: Guia ilustrado Zahar**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOCCATTO, Marlene. **A importância da Bioética**. 2007. 11-14 p. São Paulo, São Paulo. 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio): Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias**, 2000.

BUCKINGHAN, D. **Media education-literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.

CEZAR, P.H.N.; GOMES, A.P.; BATISTA, R.S. O cinema e a educação Bioética no curso de graduação em medicina. **Revista Brasileira de educação médica**, v. 35, p. 93-101, 2010.

CRUZ, D.M. **Linguagem audiovisual: livro didático**. Palhoça: UnisulVirtual, 2007.

FERRÉS, J. **Vídeo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FIELD, S. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GALEGO, L. G. C.; COSTA, V. G.; RODRIGUES, V. C. S.; PEREIRA, F. L. Técnicas cinematográficas e aprendizagens e o Programa de Educação Tutorial (PET): O PET Ciências da Natureza e Matemática (UFTM). **RELICI**, v. 1, n. 1, p. 15-22, 2014.

GALEGO, L. G. C.; PEREIRA, F. L.; GOMES, G.C.R.; FREITAS, M. C. B. Interfaces entre história e ciências: estudo do meio e o mistério de Japurá. In: Vera Lucia Bonfim Tiburcio; Ana Paula Bossler. (Org.). **Boas Práticas Docentes: Histórias de sucesso e superação de dificuldades**. 1ed. Curitiba/PR: Honoris Causa, 2012.

KORMIS, M. História e cinema: um debate metodológico. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 237-50, 1992.

LEANDRO, A. **Pensando fotografia**. São Carlos: Coleção UAB/UFSCar, 2011.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MORAN, J.M. Os vários usos do cinema e vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**. V. 2, p. 27-35, 1995.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, B. J.: Cinema e imaginário científico. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13 (suplemento), p. 133-50, 2006.

OLIVEIRA, B. J. **CINEDUC: Cinema e Educação**. Disponível em: <[http:// www.cineduc.org.br](http://www.cineduc.org.br)> acesso em 29 de maio de 2020.

PEREIRA, F. L. ; COSTA, V. G. ; RODRIGUES, V. C. S. ; GALEGO, L. G. . Cinematografia na formação de futuros professores: uma experiência com o PIBID-Matemática (UFTM). **RELICI**, v. 1, n. 1, p. 15-22, 2014.

PEREIRA, F. L. ; GALEGO, L. G. ; FREITAS, H. B. . Cinema e Educação Bioética no Curso de Graduação em Ciências Biológicas: O “filosofilme” como uma proposta pedagógica. In: Vera Lucia Bonfim Tiburcio; Ana Paula Bossler. (Org.). **Boas Práticas Docentes: Histórias de sucesso e superação de dificuldades**. 1ed. Curitiba/PR: Honoris Causa, 2012.

PIETROFONTE, A. V. **Análise do Texto Visual**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

RAMIRES, Lula. A viagem como metáfora da busca de identidade. **Revista Educação**, v.2, p. 66-75, 2008.

REGO, S.; GOMES, A. P.; SIQUEIRA-BATISTA, R. Bioética e humanização como temas transversais na formação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**. V. 32, p.482-91, 2008.

SCHNEIDDER, Steven Jay. **1001 filmes para ver antes de morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

SIQUEIRA, A.B.; CERIGATTO, M. P. Mídia-educação no ensino médio: por que e como fazer. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 44, p. 235-254, 2012.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 1, 2, 3, 6, 7, 43, 97, 173, 253, 254, 261

Alunos 6, 7, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 22, 24, 27, 28, 29, 34, 35, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 81, 82, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 122, 125, 127, 128, 129, 130, 134, 138, 140, 144, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 166, 169, 173, 177, 178, 181, 182, 189, 190, 191, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 233, 234, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260

Aprendizagem 3, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 36, 37, 41, 42, 43, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 101, 107, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 127, 130, 134, 135, 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 166, 167, 172, 174, 179, 182, 184, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 219, 225, 235, 237, 244, 248, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 258, 260, 262

Avaliação 42, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 78, 79, 95, 102, 104, 106, 116, 117, 120, 128, 130, 133, 156, 164, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 190, 194, 196, 200, 205, 206, 207, 209, 210, 216, 217, 218, 219, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 245

C

Cinemática 163, 164, 165

Computador 9, 10, 11, 12, 15, 16, 18, 21

Cuidadores 121, 122, 123, 127, 128

Currículo 12, 20, 68, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 85, 109, 131, 145, 154, 157, 178, 187, 191, 261, 263

D

Deficiência Visual 87, 154, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 211

Desempenho Acadêmico 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182

Diário Íntimo 34, 37, 39, 40, 42, 43, 45, 47, 48, 51

Diversidade 61, 74, 75, 77, 81, 110, 111, 130, 134, 140, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 161, 162, 189, 201, 203, 217

E

Educação 2, 5, 8, 9, 10, 11, 20, 21, 22, 23, 32, 42, 60, 61, 62, 63, 64, 70, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 112, 119, 124,

125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 143, 144, 145, 148, 149, 151, 153, 154, 159, 160, 161, 162, 163, 174, 175, 176, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 193, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 211, 213, 215, 218, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 249, 250, 251, 253, 254, 257, 259, 261, 262, 263

Educação Infantil 11, 14, 21, 23, 58, 75, 79, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 154, 161

Ensino-Aprendizagem 9, 10, 12, 27, 111, 116, 119, 122, 158, 172, 202, 207, 211, 237, 244, 250

Ensino de Biologia 110, 112

Ensino de Física 164, 169

Ensino de Genética 110, 111, 119

Ensino de Química 199, 200, 201, 211, 212

Ensino Fundamental 14, 34, 42, 49, 50, 51, 52, 69, 70, 75, 77, 79, 80, 84, 97, 108, 122, 131, 152, 154, 184, 187, 191, 197, 213, 215, 216, 252, 253, 259, 260, 261, 262

Ensino Médio 20, 42, 52, 65, 66, 70, 74, 75, 79, 80, 81, 83, 84, 88, 91, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 154, 174, 191, 199, 200, 201, 202, 205, 211, 243, 245, 250, 251, 263

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 30, 32, 34, 38, 40, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 121, 122, 125, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 140, 144, 147, 148, 153, 155, 157, 160, 161, 162, 165, 173, 182, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 198, 201, 213, 214, 215, 216, 217, 238, 247, 248, 250, 259, 261, 262

Exclusão na História 121

F

Família 1, 2, 3, 5, 6, 7, 47, 48, 56, 59, 62, 63, 78, 124, 125, 127, 160, 246

Formação Continuada 9, 10, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 83, 130, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 174, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 198, 250, 259, 260

Formação Docente 9, 21, 22, 109, 110, 111, 118, 119, 121, 128, 130, 138, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 176, 187, 188, 198, 219, 225

Fotografia 86, 87, 88, 89, 92, 95, 96, 238, 239, 246, 251

G

Gêneros Textuais 34, 35, 36, 39, 51, 52

Gestão Escolar 184, 196

H

História Local 86, 88

I

Inclusão 9, 15, 17, 20, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 64, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 144, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 199, 201, 211, 212
Interdisciplinaridade 86, 87, 98, 99, 101, 170, 259, 260, 261

J

Jogo Didático 110, 119

K

Kit Didático 199, 200, 201, 204, 211

L

Legislação 57, 130, 141, 150, 152, 203, 231
Letramento 1, 3, 163, 165, 245

M

Mídias Educacionais 163, 164, 165, 167, 168

P

PIBID 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 249, 251, 261
Prática Pedagógica 9, 12, 13, 18, 19, 27, 58, 67, 73, 81, 86, 87, 105, 131, 132, 133, 134, 137, 139, 144, 145, 146, 147, 148, 166, 185, 188, 197, 199, 201, 202, 203, 211
Professor 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 29, 32, 36, 37, 38, 41, 52, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 96, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 115, 118, 127, 128, 132, 133, 139, 140, 141, 146, 147, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 172, 173, 174, 178, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 196, 197, 199, 201, 203, 205, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 225, 226, 246, 247, 248, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 261, 263
Profissionalização Docente 163, 164, 165, 166, 173, 174
Protagonismo 31, 54

S

Saúde do Professor 99, 100, 101
Situação Acadêmica 175, 181

T

Tecnologia 15, 16, 17, 18, 59, 62, 63, 80, 87, 96, 119, 145, 147, 163, 164, 165, 166, 174, 175, 176, 178, 199, 200, 201, 211, 213, 263

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 